

## PRÁTICAS AVALIATIVAS NO ENSINO DE INGLÊS COMO MECANISMO DE TRANSFORMAÇÃO EM CONTEXTO DE VULNERABILIDADE

*Assessment Practices For English Teaching As A Mechanism Of Transformation In A Vulnerable Context*

Bruna Lourenção ZOCARATTO

Instituto Federal de Brasília

bruna.zocaratto@ifb.edu.br

<https://orcid.org/0000-0001-5750-841X>

Ana Clara da Silva de CASTRO

Instituto Federal de Brasília

anaclarafacul@gmail.com

<https://orcid.org/-0009-0006-5744-398X>

Ingrid Pereira MIRANDA

Instituto Federal de Brasília

ingriid.miraanda@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0003-3657-9544>

**RESUMO:** O propósito deste artigo é analisar e compreender práticas avaliativas transformadoras que promovem a inclusão social de estudantes através do ensino de inglês, em um projeto social implementado em uma área de vulnerabilidade do Distrito Federal. No referencial teórico, discorre-se sobre o ensino de inglês em área socialmente vulnerável (Lenharo; Cristóvão, 2018), o que é avaliação e práticas avaliativas como mecanismo de transformação no ensino de línguas (inglês) em contexto de vulnerabilidade (Lei nº 9.394/1996; Luckesi, 2002; Brown, 2004; Hoffmann, 2005; Saul; Voltas, 2008, 2023). O percurso metodológico encontra-se ancorado na abordagem qualitativa (Flick, 2009) e na pesquisa do tipo estudo de caso (Prodanov; Freitas, 2013), tendo como procedimentos metodológicos a entrevista (Stake, 1995), realizada com o Coordenador Pedagógico do projeto e dois professores, além de análise documental (Gil, 2008). Os resultados destacam a importância de adaptar as práticas avaliativas de inglês para que tenham não apenas um impacto motivacional, mas também transformador na vida dos alunos. Além disso, observa-se que o projeto social reconhece e valoriza diversas formas de diversidade, fomentando a empatia, autonomia e respeito mútuo. A iniciativa também promove a cooperação, o comprometimento e o senso de comunidade, orientando os estudantes a utilizarem a língua inglesa como um meio de transformação e emancipação social.

**PALAVRAS-CHAVE:** práticas avaliativas; ensino de inglês; contexto de

vulnerabilidade; mecanismo de transformação.

**ABSTRACT:** The purpose of this article is to identify transformative assessment practices that promote student social inclusion through English language teaching in a social service project in a vulnerable area of the Federal District. In the theoretical framework, the article discusses English language teaching in socially vulnerable areas (Lenharo; Cristóvão, 2018), the concept of assessment, and evaluative practices as mechanisms for transforming language (English) teaching in a context of vulnerability (Lei nº 9.394/1996; Luckesi, 2002; Brown, 2004; Hoffmann, 2005; Saul; Voltas, 2008, 2023. The methodological approach is anchored in qualitative research (Flick, 2009) and a case study (Prodanov; Freitas, 2013), interviews (Stake, 1995) with the coordinator and two teachers and document analysis (Gil, 2008). The findings emphasize the significance of adjusting assessment practices in English language teaching to not only have a motivational impact but also to bring about a transformative effect on students' lives. Furthermore, it is noted that the social project recognizes and values different forms of diversity and promotes empathy, autonomy and mutual respect. The initiative also encourages collaboration, engagement and a sense of community and guides students to use the English language as a tool for social change and empowerment.

**KEYWORDS:** assessment practices; English teaching; context of vulnerability; tool for change.

## INTRODUÇÃO

É emergencial a necessidade de entender o contexto ao qual o estudante pertence, uma vez que “suas origens e experiências de vida têm relação direta com seu aprendizado e participação na escola” (Lenharo; Cristóvão, 2018, p. 370). Nesse caso, complementamos, o planejamento e organização de práticas avaliativas podem reproduzir processos excludentes já vivenciados ou, ao contrário, favorecer a inclusão do estudante. Nesse sentido, é fundamental haver uma análise de todo o contexto escolar em seus aspectos históricos, econômicos, sociais e geográficos para planejar e tomar decisões avaliativas éticas e justas. Uma análise abrangente de aspectos contextuais, então, torna-se essencial na busca por garantir a excelência na prática pedagógica, dentro da qual se encontra a avaliação.

Os processos de ensino e aprendizagem não se limitam ao conteúdo, sendo influenciados por fatores como as relações entre professores e alunos, além do ambiente familiar. A esse respeito, Lenharo e Cristóvão (2018, p. 374) pontuam que a falta de recursos e a desestrutura familiar, em situação de vulnerabilidade social, “gera problemas de ordem psicológica e afetiva nas crianças e jovens, além do abandono escolar como forma de complementar a renda da casa”.

Ao trazermos essa discussão para o contexto do ensino de inglês, é crucial dedicar atenção especial às considerações apresentadas. Lenharo e Cristóvão (2018) destacam que o inglês pode proporcionar experiências significativas a alunos em situações vulneráveis, como a capacidade de interagir globalmente, e oportunidades profissionais. Além disso, a língua adicional amplia as visões de mundo e trabalha a criticidade em assuntos globais, dando aos estudantes maiores e melhores oportunidades de ler, interpretar e compreender o mundo em que vivem. Tal como as autoras pontuam, “ampliar a participação social dos alunos é de fundamental importância para indivíduos sob condição social vulnerável, para que superem as barreiras impostas pela ideologia dominante” (Lenharo; Cristóvão, 2018, p. 370).

Conforme pesquisa feita pelo British Council (2015), escolas públicas enfrentam três desafios principais que afetam o ensino de inglês: alta vulnerabilidade social, formação de turmas grandes e condições de trabalho desfavoráveis para os professores brasileiros. Esses fatores, segundo Quevedo-Camargo e Silva (2017), quando combinados, trazem o questionamento acerca da relevância em construir conhecimento

sobre língua inglesa, impactando a motivação e o interesse desses alunos, e até mesmo dos professores. Essa percepção gera desmotivação e um sentimento de não pertencimento à língua ensinada. Além disso, a situação pode ser agravada pelo modo como as avaliações são planejadas e realizadas na escola, frequentemente associadas a testes.

Segundo Brown (2004, p. 2), “nós vivemos por testes e às vezes (metaforicamente) morremos por eles”. A todo momento, somos rodeados por testes, os quais a grande maioria da sociedade julga pertinentes, capazes de serem efetivos na avaliação do indivíduo. Porém, a necessidade de ter uma nota boa faz com que parte dos discentes estude apenas para conseguir atingir uma alta pontuação ou nota suficiente para ser aprovado; nota essa que, muitas vezes, não condiz com a real situação em que se encontra a aprendizagem do aluno.

Diante dessa cultura, surge a necessidade de uma avaliação com o propósito genuíno de coletar informações significativas para a tomada de decisões em prol do contínuo desenvolvimento da aprendizagem e formação social dos estudantes. Avaliar, conforme Ribeiro e Santos (2016), é uma dinâmica construtiva essencial para a evolução e progresso. Assim sendo, é importante que a avaliação seja usada com a finalidade de “iluminar o caminho da transformação e beneficiar as audiências no sentido de torná-las autodeterminadas” (Saul, 2008, p. 21).

Considerando as questões apresentadas e as experiências das últimas duas autoras em um projeto social, formulou-se o seguinte objetivo geral: identificar práticas de avaliação que promovem a inclusão social de alunos por meio do ensino de inglês, em um projeto social implementado em uma área vulnerável do Distrito Federal. Para abordá-lo de maneira eficaz e esclarecedora, a estrutura deste artigo segue a seguinte organização: inicialmente, apresentamos a base teórica e, em seguida, fornecemos uma exposição detalhada da metodologia utilizada para coletar dados sobre práticas avaliativas transformadoras no processo de ensino e aprendizagem de inglês. Na sequência, os dados serão apresentados e discutidos, culminando, por fim, nas conclusões finais deste estudo.

## **ENSINO DE INGLÊS EM ÁREA DE VULNERABILIDADE SOCIAL**

Considera-se primordial discutir o impacto da desigualdade na educação do país,

pois a compreensão desse fator é essencial para entender o contexto brasileiro de ensino de línguas. O inglês, além de gerar mais possibilidades de ascensão na carreira profissional, é um instrumento para ampliar a visão de mundo dos indivíduos, já que dá acesso a diversos ambientes (Lenharo; Cristóvão, 2018).

Porém, ter acesso a essa língua morando em locais considerados vulneráveis é considerado um grande desafio por diversos motivos, sendo alguns deles: a sensação de insegurança e falta de recursos básicos como saneamento e trabalhos com salários baixos. Para além desses desafios, a exclusão gera uma grande inquietação nos jovens, já que priorizar um trabalho que lhe gere renda é um ato recorrente dentro desse contexto (Abramovay *et al.*, 2002)

Da mesma forma, de acordo com relatório do British Council (2015), a vulnerabilidade social é um fator que influencia sobremaneira a realidade escolar vivida por muitos brasileiros, caracterizando-se como um contexto marcado pela falta de recursos para segurança, violência dentro e fora dos muros da escola, falta de recursos didáticos para aulas e média de salários baixos, por exemplo. Abramovay *et al.* (2002), baseados em Vignoli (2001) e Filgueira (2001), entendem que a falta de recursos materiais ou simbólicos dos indivíduos ou grupos impacta negativamente o acesso às oportunidades sociais, econômicas e culturais oferecidas pelo Estado, pelo mercado e pela sociedade. O resultado dessa relação, por conseguinte, caracteriza a vulnerabilidade social. Quevedo-Camargo e Silva (2017) aprofundam essa discussão e apontam esse problema como um grande desafio no contexto escolar, pois, conforme os autores, têm potencial para influenciar qualquer aspecto relativo à escola, de modo geral, e ao processo de ensino e aprendizagem do inglês, assim como de todas as outras disciplinas. Para estes autores, “em um ambiente socialmente hostil e perigoso, que muitas vezes carece de itens básicos de sobrevivência, ler ou falar outra língua torna-se algo distante, irreal e desnecessário” (Quevedo-Camargo; Silva, 2017, p. 267).

Pode-se entender, pois, que conviver em locais com índices altos de violência e criminalidade tem a possibilidade de gerar vários sentimentos, não só para professores, mas também, para os alunos, como exemplo, medo, insegurança, desconforto e não pertencimento à língua sendo estudada (Quevedo-Camargo; Silva, 2017). Essa situação faz com que o processo de ensino e aprendizagem de língua inglesa seja totalmente abalado pelo desestímulo e pelo vínculo professor-aluno não existente.

Ao contrário, Sacristán e Gómez (2000, p. 152) entendem que “do ensino se espera que distribua cultura, que prepare para o mundo do trabalho, que forme bons cidadãos, e cuide do bem-estar do indivíduo e de seu desenvolvimento pessoal”. Além disso, acrescentamos o fato de os sujeitos educativos inseridos em um contexto de vulnerabilidade social precisam experienciar vivências favorecedoras da construção de um aprendizado em língua inglesa que faça sentido para sua vida pessoal.

Portanto, principalmente diante de tal situação, é de grande valia o professor de língua inglesa se manter atualizado das possíveis formas de inovar dentro de sala por meio de métodos de ensino transformadores que promovam uma educação inclusiva e equitativa para todos os alunos, além de participação ativa em sua própria aprendizagem. Ademais, assim como Tavares, Gomes e Ferreira (2019) pontuam, torna-se impossível para o profissional da educação não buscar um preparo para vincular o conteúdo à realidade que seus alunos.

Com base nessas problematizações, urge pensar sobre o uso de práticas avaliativas no contexto de ensino e aprendizagem de inglês em lugares de vulnerabilidade social. Isso acontece no sentido de haver o planejamento e o desenvolvimento de um trabalho pedagógico a partir do qual atividades avaliativas atribuam um significado afetivo na vida do aluno, estimulando-os a se interessar pelo ensino da língua inglesa e entender o poder de transformação que ela pode trazer em suas vidas, além da ascensão para carreira profissional (Santos, 2017).

Em geral, destaca-se a importância de práticas avaliativas que promovam a construção da autoconfiança, autoestima e senso crítico dos alunos, ao permitir a expressão de ideias e debates em sala de aula. Esse momento é particularmente significativo em contextos de vulnerabilidade social, proporcionando visibilidade às opiniões dos estudantes e reforçando a validade e importância de suas ideias. Dessa forma, os alunos podem sentir-se mais conectados à língua em estudo, percebendo-a como meio de comunicação para expressar suas ideias e compreender o mundo ao seu redor, além de enxergar na aprendizagem de uma língua estrangeira uma oportunidade de transformação social.

## DEFININDO AVALIAÇÃO

Na Lei nº 9.394, de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 1996, que estabelece as diretrizes para a educação no Brasil, é enfatizada a necessidade de desenvolvimento constante nos processos metodológicos participativos e construídos coletivamente, bem como a utilização de linguagens e materiais didáticos adequados ao contexto. Essa orientação legal deve ser aplicada também na prática avaliativa em projetos sociais em áreas de vulnerabilidade, pois a avaliação é um mecanismo essencial para promover a equidade e o desenvolvimento integral dos estudantes envolvidos. Em outras palavras, essa etapa do ensino e aprendizagem deve ser concebida como um processo que vai além da mera verificação de conhecimentos adquiridos, permitindo o desenvolvimento contínuo da aprendizagem.

O processo de avaliação em sala de aula é complexo, tendo em vista que deve abordar diversos âmbitos do ensino e da aprendizagem a fim de contemplar sua finalidade de identificar os conhecimentos construídos pelos estudantes. Em todos os momentos, nas mais variadas situações, o indivíduo utiliza-se da avaliação a fim de aferir seus padrões de qualidade. Ao trazermos essa percepção para o contexto educacional, é importante destacarmos a existência de dois tipos principais de abordagens em relação a essa categoria: somativa e formativa, distintas entre si, porém, ao mesmo tempo, complementares.

De acordo com Brown (2004, p. 6), a avaliação somativa tem como objetivo “mirar em medir ou resumir, o que um estudante alcançou, tipicamente acontece ao final do curso ou unidade de instrução.” Na prática, ela é realizada por meio de provas, testes ou exames, os quais visam avaliar o que o estudante aprendeu durante um período em específico.

A avaliação formativa, por sua vez, é caracterizada pelo autor como uma “avaliação dos estudantes durante o processo de formar suas competências e habilidades, com a meta de ajudá-los a continuar a evoluir no processo de aprendizagem” (Brown, 2004, p. 6). Ela pode ser definida como uma avaliação contínua, a qual ocorre ao longo de todo o processo de ensino aprendizagem e é muito importante para a vida escolar do aluno, pois aborda tópicos nos quais ele deve melhorar, assim como propicia sugestões de como seria viável o discente progredir em relação ao seu desempenho pedagógico.

Enxergam-se, por meio dessa natureza da avaliação, possibilidades transformadoras e emancipatórias das práticas avaliativas, de modo que o aluno passe a ser um indivíduo crítico e ativo em seu próprio processo educativo.

Segundo Saul e Voltas (2023), a avaliação emancipatória representa uma abordagem contrária às perspectivas avaliativas neotecnicistas e autoritárias. Enquanto estas últimas visam a seleção e classificação dos sujeitos, sustentando posturas individualistas baseadas na meritocracia e na racionalidade concorrencial, o paradigma emancipatório, conforme os autores, busca proporcionar às pessoas envolvidas em uma ação educacional a capacidade de ler criticamente a realidade e (re)escrever suas próprias histórias.

Assim como eles destacam, essa abordagem não apenas se opõe à imposição de normas e padrões pré-determinados, mas também enfatiza a importância da capacidade crítica e reflexiva dos sujeitos envolvidos. Ao invés de submeter os indivíduos a uma lógica competitiva e hierárquica, a avaliação emancipatória promove a autonomia, permitindo que as pessoas participem ativamente na construção do seu próprio conhecimento e na interpretação do mundo ao seu redor.

Para Saul (2008), esse enfoque dado à avaliação reconhece e prioriza o potencial de emancipação e transformação pessoal que a avaliação pode oferecer ao estudante no desenvolvimento do seu senso crítico e o autoconhecimento, além de fomentar mudanças sociais no ambiente educacional, tornando-o mais inclusivo. Dessa forma, os alunos são colocados em condições propícias para um aprendizado efetivo e estimulante, por meio de práticas avaliativas que priorizam a construção de um processo de aprendizagem contínuo baseado na interação colaborativa e participativa entre professores e estudantes.

De todo modo, é preciso ponderar e entender que “mudar a prática da avaliação das escolas, na direção de uma avaliação crítico-transformadora, requer que se trabalhe na conquista do sonho com uma escola democrática” (Saul, 2008, p. 23). Ao relacionar essa citação com o contexto de vulnerabilidade social, é possível interpretar que a busca por uma escola democrática é crucial para lidar com desafios enfrentados por comunidades em situação de vulnerabilidade. Uma escola democrática busca proporcionar oportunidades iguais para todos os alunos, independentemente de suas origens socioeconômicas, contribuindo, assim, para a redução das desigualdades. Nesse sentido, a avaliação crítico-transformadora também pode ser vista como um mecanismo

para identificar e abordar as disparidades educacionais presentes em áreas vulneráveis, identificando possíveis lacunas e implementando mudanças que promovam uma educação mais inclusiva e equitativa.

### **PRÁTICAS AVALIATIVAS COMO MECANISMO DE TRANSFORMAÇÃO NO ENSINO DE LÍNGUAS (INGLÊS) EM CONTEXTO DE VULNERABILIDADE**

As práticas avaliativas possuem um potencial significativo para transformar a percepção do discente em relação ao processo de aprendizagem, especialmente em contextos de vulnerabilidade. Antes de tudo, é preciso entendermos, conforme Luckesi (2002), que avaliar se diferencia de examinar, pois o ato avaliativo não se limita à simples verificação daquilo que o aluno aprendeu. Avaliar implica em decisões e na tomada de consciência sobre a “construção dos melhores resultados possíveis” (Luckesi, 2002, p. 84).

Para tanto, segundo Hoffmann (2005, p. 14), a intenção do avaliador precisa ser “conhecer, compreender, acolher os alunos em suas diferenças e estratégias próprias de aprendizagem para planejar e ajustar ações pedagógicas favorecedoras a cada um e ao grupo como um todo”. A partir dessa premissa, reconhece-se que o ensino não se resume à transferência de conteúdo para o aluno. O papel do professor avaliador vai além de ser um mero mediador de conhecimento, envolvendo-se em diversas áreas para promover o desenvolvimento integral dos estudantes. Entende-se que a docência desempenha um papel fundamental na construção pessoal de cada aluno, visando proporcionar uma visão de mundo mais ampla e capacitá-los a se tornarem indivíduos críticos e autônomos.

Portanto, é essencial que os professores de língua inglesa considerem não apenas os aspectos de conteúdo ao elaborar suas atividades avaliativas, mas também o contexto em que esses alunos estão inseridos. Dessa maneira, os estudantes poderão enxergar a avaliação como uma ferramenta construtiva, e não como algo punitivo, classificatório, seletivo ou que contribui para a perpetuação da exclusão social, como muitos a interpretam.

Pode-se compreender, nesse sentido, que a avaliação formativa exerce uma função crucial quando falamos a respeito de práticas transformadoras. Segundo Hoffmann (2005,

p. 20), “a essência da concepção formativa está no envolvimento do professor com os alunos e na tomada de consciência acerca do seu comprometimento com o progresso deles em termos de aprendizagens”. Seu princípio acolhedor está alinhado com as práticas avaliativas como um meio de transformação no ensino de inglês em contextos vulneráveis. Isso ocorre porque enfoca o processo de aprendizagem, fornecendo *feedback* contínuo e direcionado aos alunos, com o objetivo de promover seu crescimento e melhoria. Essa abordagem também fortalece a autoconfiança, valoriza a aprendizagem colaborativa e promove a autonomia dos estudantes.

A utilização de abordagens que sejam inclusivas no referido contexto é essencial. A esse respeito, Fernandes (2006, p. 37) pontua que “a avaliação é um processo desenvolvido por e com seres humanos para seres humanos, que envolve valores morais e éticos, juízos de valor e problemas de natureza sociocognitiva, sociocultural, antropológica, psicológica e também política”. Diante disso, é necessário considerar o conhecimento e as experiências dos alunos em situação de vulnerabilidade, não somente fortalecendo o processo de ensino e aprendizagem de línguas (inglês), mas também promovendo ativamente a valorização de sua identidade.

Assim como Silva *et al.* (2018, n.p.) asseveram, é importante o uso da “metodologia de ensino/aprendizagem da língua inglesa [ter] o propósito de fazer com que os conhecimentos linguísticos e culturais sejam apropriados pelos alunos, de modo que correspondam às suas necessidades e à realidade sociocultural como um todo”. No entanto, a implementação das práticas avaliativas em contextos de vulnerabilidade pode enfrentar desafios significativos, dentre eles: a falta de recursos adequados para a avaliação, a necessidade de adaptar as práticas às realidades locais e a superação de estereótipos e preconceitos em relação aos estudantes em situação de vulnerabilidade, bem como a resistência ou falta de conhecimento por parte dos docentes.

À luz dessas considerações, é primordial implementar estratégias eficazes para superar esses obstáculos. Isso inclui, por exemplo, investir na formação de professores línguas (inglês), proporcionando-lhes as ferramentas necessárias para desenvolver práticas avaliativas sensíveis às necessidades dos estudantes em condição de fragilidade social. Parcerias entre escolas e famílias, assim como a criação de uma cultura de avaliar para aprender também são fundamentais para criar um ambiente de aprendizagem que promova o crescimento educacional de todos os estudantes. Somente através de

estratégias eficazes e um compromisso real com a equidade educacional será possível superar esses obstáculos e proporcionar uma avaliação justa e inclusiva aos sujeitos educativos, independentemente de sua situação de vulnerabilidade.

Dessa forma, é possível vislumbrar um processo de aprendizagem de línguas (inglês) que seja concretizado como emancipatório e transformador por meio de práticas avaliativas formativas que valorizem o desenvolvimento integral do indivíduo e estimulem sua capacidade crítica e criativa. O professor, ao adotar tais ações em sua prática de ensino, com a finalidade de mapear, analisar e realizar intervenções relevantes no percurso pedagógico, faz com que os estudantes em situação de vulnerabilidade tenham a oportunidade de desenvolver suas habilidades linguísticas de maneira significativa, superar desafios e alcançar um maior empoderamento educacional. Assim como Chueri (2008, p. 62) pontua, “uma atuação pedagógica atenta a conflitos, contradições, fissuras, fragmentos, vozes que constituem o panorama escolar, poderá dar novos sentidos à práxis da avaliação”.

Nesse sentido, ao integrar uma perspectiva crítica à avaliação, o professor pode questionar e desafiar as estruturas tradicionais de poder e privilégio que muitas vezes perpetuam as desigualdades educacionais. Dessa forma, a avaliação deixa de ser uma ferramenta exclusivamente punitiva ou classificatória e se torna uma oportunidade para o crescimento e a transformação pessoal e coletiva.

## **METODOLOGIA**

A construção da pesquisa, da qual originou-se o presente artigo, aconteceu com base nos princípios da abordagem qualitativa (Flick, 2009) e do estudo de caso (Prodanov; Freitas, 2013), a fim de analisar e compreender práticas avaliativas utilizadas em um projeto de ensino de língua inglesa como mecanismo de inclusão e transformação social em um contexto de vulnerabilidade no Distrito Federal.

Para a consecução desse objetivo, adotou-se o uso de entrevistas (Stake, 1995) com dois docentes, nomeados de Professora 1 e Professor 2, e o Coordenador Pedagógico do projeto social a fim de proporcionar uma análise aprofundada do objeto de estudo a partir de seus posicionamentos críticos, percepções e explicações. As entrevistas foram realizadas individualmente, via *Google Meet*, com gravação de vídeo para posterior

transcrição, análise e interpretação. Vale esclarecer que o processo de seleção dos participantes foi conduzido com base na manifestação de interesse genuíno e na comprovação da disponibilidade para se envolver ativamente no desenvolvimento da pesquisa. Por motivos éticos, a pesquisa se iniciou apenas após assinatura do documento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido como meio de resguardar os participantes e as pesquisadoras em relação aos seus direitos, protegendo-os e respeitando sua autonomia e identidade.

Além disso, para o processo de coleta de dados, usou-se a análise documental (Gil, 2008), tendo como referência o Manual do Voluntário (2023). Trata-se de um documento norteador do projeto social, o qual possui a função de guiar novos voluntários, assim como propiciar esclarecimentos sobre as diversas nuances relacionadas ao projeto, incluindo sobre a avaliação.

Em relação ao contexto de pesquisa, vale ressaltar que o projeto acontece em revezamento entre duas escolas em uma região do Distrito Federal marcada por vulnerabilidade social. As aulas ocorrem uma vez por semana, aos sábados, das 9h às 12:15h, com um intervalo de 15 minutos. No 2º semestre de 2023, quando aconteceu a coleta de dados, o projeto possuía sete turmas: três, para crianças, e quatro, de adolescentes, tendo por volta de cinco professores e uma média de 75 estudantes.

Para conduzir a análise e interpretação, iniciamos com a tabulação dos dados, alinhando-os aos objetivos definidos previamente e às perguntas delineadas no roteiro da entrevista, cada uma delas direcionada a um desses objetivos. Em seguida, procedemos à categorização das respostas dos participantes para cada pergunta, buscando identificar padrões, divergências e complementaridades entre elas, permitindo uma análise abrangente das semelhanças, diferenças e sinergias presentes nas informações coletadas, que se encontram analisadas nas seções seguintes.

## **ANÁLISE DOCUMENTAL: PERCEPÇÃO DA AVALIAÇÃO**

O modo como a avaliação é concebida no projeto social parece ir ao encontro de perspectivas que podem favorecer a transformação e emancipação dos estudantes nele inseridos. Conforme o Manual do Voluntário (2023, p. 12), "a missão da instituição é proporcionar um espaço de troca e desenvolvimento humano por meio do ensino de inglês

e promover a autonomia e a ampliação de perspectivas de alunos e voluntários" - fatos esses que permitem que o processo de avaliação seja contínuo e propício a um ensino de qualidade.

De acordo com esse documento, "entre a metade e o fim do semestre, todos os voluntários são convidados a preencher a Avaliação 360, que tem por objetivo colher *feedback* e comentários sobre o desempenho dos voluntários e coordenadores, o aprendizado dos alunos e as atividades desenvolvidas" (Manual do Voluntário, 2023, p. 18) para que seja possível buscar o aperfeiçoamento dos processos e melhoria do projeto cada vez mais. A finalidade parece estar no planejamento e execução de práticas avaliativas comprometidas com a aprendizagem contínua dos estudantes e, por conseguinte, com sua provável emancipação ao buscar possibilitar meios favorecedores do alcance do pleno desenvolvimento de suas habilidades e a superação de barreiras sociais em direção a um futuro mais promissor e autônomo.

Nesse sentido, entende-se a prática avaliativa como um ato cuja finalidade consiste em mostrar que o aluno consegue aprender, e os resultados não são utilizados apenas para fins classificatórios e seletivos, o que a sociedade em si já perpetua. A avaliação, ao contrário, tem como finalidade proporcionar aos discentes oportunidades de aprendizagem, de modo que percebam como são capazes de aprender, transformando-os em sujeitos educativos.

A análise do Manual do Voluntário (2023) nos permitiu perceber que a política empregada de Avaliação 360 condiz com a avaliação para aprendizagem definida por Earl (2003, n.p.) como um modelo que muda sua ênfase "de somativa para formativa, de fazer julgamentos para criar descrições que podem ser usadas a serviço da próxima etapa de aprendizagem". Para a autora, essa abordagem da avaliação propicia um entendimento maior acerca do processo educativo, pois os professores reúnem uma diversidade de informações a fim de adaptar o processo de ensino para atender às necessidades de aprendizagem de seus estudantes. No caso do projeto social, os docentes elaboram tarefas de avaliação que fornecem *insights* sobre o conhecimento e habilidades já adquiridos por eles, e, a partir dessas informações, planejam os passos seguintes.

Outra prática avaliativa que merece ser destacada diz respeito aos *Learning Walks*, por meio dos quais coordenadores pedagógicos assistem a aulas para acompanhar o desenvolvimento da turma, oferecer *feedback* aos voluntários e levar aprendizados e boas

práticas para sala de aula, promovendo, assim, o desenvolvimento do aprendizado de forma contínua.

De acordo com Saul (2018, p. 23), “estudos sobre a introdução de inovações educacionais na perspectiva democrática têm demonstrado a relevância e a urgência de se dar atenção à formação do educador, como um dos caminhos necessários”. Sob essa ótica, o projeto social demonstra ter como objetivo promover práticas pedagógicas transformadoras, pois fornecer *feedback* aos professores, sobre a didática, métodos avaliativos e conteúdos têm um impacto direto na prática pedagógica, dentro da qual a avaliação formativa está inserida, em sala de aula. Isso ocorre porque traz melhorias ao processo de ensino e aprendizagem, uma vez que a formação de professores mais capacitados cria um ambiente de aprendizagem mais propício.

## RELAÇÃO ENTRE O MANUAL DO VOLUNTÁRIO E PLANEJAMENTO DE PRÁTICAS AVALIATIVAS DOS PARTICIPANTES

Após a realização da entrevista com dois professores e um coordenador do projeto social, tornou-se possível a análise mais profunda do entendimento da avaliação encontrado no Manual do Voluntário e sua relação com a organização de ações avaliativas realizadas no âmbito do projeto social investigado.

Inicialmente, os dois docentes entrevistados responderam ao seguinte questionamento: *quais são as estratégias pedagógicas que você utiliza para engajar os estudantes e tornar o ensino de inglês mais acessível e relevante para eles?* Ambos os professores relacionam suas respostas no sentido de buscarem proporcionar diferentes estratégias e estimularem os estudantes a poderem participar ativamente da aula e, assim, construir mais conhecimento, entendimento também encontrado no Manual do Voluntário (2023). Abaixo, seguem as respostas dos participantes.

**Professora 1:** [...] Procuramos buscar estratégias diversificadas que partem do interesse das crianças mesmo. Então, músicas que eles gostam de ouvir, vídeos, desenhos, a gente procura entender o que eles se interessam mais para que eles estejam ali, além de aprender a se divertir também. Para que não seja algo maçante ou entender inglês como algo chato. E acho que essas estratégias funcionam bastante porque eles aprendem brincando literalmente.

**Professor 2:** [...] Tento sempre incentivá-los, né, tentar trabalhar

motivação de forma que eles consigam participar e se sintam interessados e vejam que o inglês não é essa coisa impossível de aprender e desenvolver, [...] . Também, quando eles participam, né? Eu tento sempre parabenizar, né, tipo, *very good, excellent, good job*, de forma a motivar, mas não só motivar, né? Fazer com que participe. [...] Para tornar mais acessível, a gente tenta mesclar o nível de dificuldade, não colocar nem muito fácil, porque aí se torna enfadonho e nem muito difícil, porque senão eles simplesmente desistem, né? Preferem mexer no celular ou fingir que estão prestando atenção. Então, a gente tenta encontrar esse equilíbrio e, para deixar mais relevante, eu tento desenvolver atividades nas quais eles consigam enxergar uma conexão com a vida deles, né?

Essas falas vão ao encontro com a perspectiva de Quevedo-Camargo e Silva (2017) ao afirmarem ser relevante construir conhecimento sobre língua inglesa para impactar a motivação e o interesse dos alunos, e até mesmo dos professores ao conseguirem identificar a relevância do que está sendo trabalhado. A esse respeito, Silva *et al.* (2018, n.p.) salientam a relevância de adotar uma abordagem pedagógica no ensino e aprendizagem da língua inglesa, cujo objetivo é garantir que os alunos assimilem os conhecimentos linguísticos e culturais de maneira adequada às suas necessidades individuais e à totalidade da sua realidade sociocultural. Isso implica em uma metodologia que seja sensível às características específicas dos alunos, levando em consideração não apenas aspectos linguísticos, mas também culturais, sociais e emocionais. Essa perspectiva reconhece a importância de personalizar o processo de ensino para que os alunos possam se engajar de forma mais significativa e alcançar um entendimento mais profundo da língua e da cultura inglesa, permitindo-lhes aplicar esse conhecimento de maneira prática em suas vidas diárias si (Sacristán e Gómez, 2000; Quevedo-Camargo; Silva, 2017; Tavares; Gomes; Ferreira, 2019).

Em seguida, questionou-se aos três participantes: *você acredita que as diretrizes de avaliação no Manual do Voluntário beneficiam o planejamento de práticas avaliativas inclusivas e transformadoras? Por quê?* Foi possível perceber que eles enxergam e utilizam a autonomia que lhes é dada, fazendo com que cada um consiga adaptar e realizar atividades por meio de práticas avaliativas que priorizam as necessidades individuais de seus estudantes, sendo, desse modo, proveitosas e eficazes para o desenvolvimento da sua aprendizagem, assim como os trechos abaixo indicam:

**Professora 1:** [...] Desde o nosso manual a gente já, quando você lê, quando você tem a formação, né, com os coordenadores do projeto, a gente entende que a avaliação está ali para respeitar a individualidade de cada criança, apesar da gente ter uma avaliação formal, a gente está sempre avaliando durante todas as aulas, o manual permite que você avalie a criança individualmente, a partir das suas vivências.

**Professor 2:** Bom, acredito que sim, né? Porque, apesar de nesse projeto [...], cada turma tem um *project*, né? [...] é meio que flexível, a gente tem oportunidade de adaptar e modificar, né? Algumas coisas. Então, eu penso que tem esse espaço para a nossa criatividade. [...] Então, acho que, de certa forma, é inclusiva. E penso que é transformador, né? Essa forma de trabalhar com projetos, porque na escola regular que eles estão estudando ainda, né? Eles não... Penso que eles não fazem uso desse tipo de metodologia, né, baseada em projetos.

**Coordenador Pedagógico:** [...] acho que a gente tentou muito durante a pandemia acabar com as provas e essa forma de avaliar mais tradicional, que é menos inclusiva e transformadora, mas a gente tem muitas limitações né, [...] então, quando a gente cortou os testes, a gente fez uma tentativa de dar uma implementada no modelo de teste alternativo. Os professores gostaram muito e pediram pra ter mais, achavam que tinha a necessidade também de avaliar mesmo como as coisas estavam funcionando, mas a gente tenta, né, fazer um negócio mais diferenciado, que seja inclusivo de formas diferentes, de outros jeitos que os alunos têm de aprender por essa avaliação formativa ao longo dos semestres.

O período da pandemia de Covid-19 desencadeou uma série de transformações em todo o mundo, inclusive no campo da educação. Diante desse cenário, o projeto em questão optou por ajustar suas práticas de avaliação, conforme evidenciado no Manual do Voluntário (2023) e nas orientações fornecidas pelo coordenador. Passou-se a adotar o uso de testes e entregas de trabalho (*deliverables*) como instrumentos avaliativos, sendo o primeiro elaborado pelos professores e aplicado ao término dos semestres e o segundo produzido ao longo do período letivo. Ambos os métodos seguem os critérios estabelecidos pelos *can dos*<sup>1</sup>, que permitem a avaliação individual do desenvolvimento do aluno em cada habilidade apresentada, além de uma análise coletiva de sua eficácia. Nesse sentido, ao integrar essas abordagens de avaliação, o processo torna-se mais inclusivo e equitativo.

---

<sup>1</sup>São afirmações sobre o que um estudante deve ser capaz de fazer ao final de cada unidade do semestre, e estão relacionados a objetivos de aprendizagem.

Outro exemplo notável da abordagem de avaliação alternativa é a autoavaliação destinada às turmas, conforme mencionado no Manual do Voluntário (2023). Esse momento avaliativo é quando os alunos se autoavaliam a partir de perguntas sobre seu processo de aprendizagem. O documento expressa a intenção de tornar essa prática mais ativa no projeto, destacando a abertura para novas ideias e sua dedicação em buscar melhorias. Essa proposta de avaliação visa "identificar as carências e potencialidades dos estudantes, para que ambos, professor e aprendizes, dediquem-se a elas" (Canan; Paiva, 2016, p. 24). Esse compromisso com a reflexão e o aprimoramento evidencia a abordagem atenciosa do projeto em busca de uma avaliação mais abrangente e eficaz.

Ao abordar o planejamento e a implementação de práticas avaliativas orientadas por uma perspectiva inclusiva e transformadora, é imprescindível discutir os mecanismos empregados no desenvolvimento do trabalho pedagógico. Reconhece-se a importância de que tais mecanismos reflitam uma maior sintonia com a realidade local, superando a abordagem meramente somativa e centrada em notas. É crucial que sejam contínuos ao longo de todas as aulas, avaliando o desempenho dos alunos em diversas atividades propostas.

A análise das respostas dos professores à pergunta *quais são os mecanismos que você utiliza para avaliar o progresso e o desempenho dos estudantes?* revela a adoção da abordagem dos *can dos*, assim como apontado pelo Manual do Voluntário (2023) e pela fala do participante abaixo.

**Professor 2:** [...] Eu me oriento mais pelo que já foi estabelecido no Manual do Voluntário, né? Então, temos dois testes, né? Um no meio do semestre e outro mais para o final. E temos o *project*, né? [...] . E aí também, né, a gente se orienta pelos *can dos*, né? Então, no fim de cada teste, né, eles têm que conseguir, tipo, são seis *can dos*, né? [...] Então, a gente observa se foi alcançado essas habilidades, né? [...]

O uso do *can do* sugere uma orientação mais abrangente e inclusiva, focalizando não apenas em resultados pontuais, mas também, e principalmente, no desenvolvimento contínuo das habilidades dos alunos ao longo do processo educativo. Essa prática vai ao encontro do que Earl (2003) entende como avaliação para aprendizagem, de natureza formativa, uma vez que favorece a busca pelo desenvolvimento contínuo do aprendizado do estudante.

Entende-se que, ao favorecer a busca pela melhoria, as práticas de avaliação anteriores podem estimular os estudantes a refletirem sobre seu próprio desempenho, identificarem áreas de fortalecimento e definirem objetivos para seu desenvolvimento escolar. Isso cria uma percepção de aprendizado contínuo, incentivando esses estudantes a encararem os desafios como oportunidades de crescimento, em vez de obstáculos intransponíveis. Além disso, ao adotar uma abordagem de avaliação que valoriza o progresso, o aluno passa a enxergar a educação como um processo mais amplo e significativo, a partir do qual ele pode se tornar mais responsável por seu próprio progresso educacional. Essa situação, por conseguinte, contribui para haver maior engajamento e consciência de seu papel na sociedade, o que pode favorecer sua transformação enquanto sujeito educativo e social.

Ainda em relação aos procedimentos usados pelos participantes da pesquisa para avaliar o aprendizado de seus estudantes, observamos que existem outros aspectos que requerem análise, conforme apontado pelo Professora 1 em sua resposta.

[...] Comparar sempre a criança com ela mesma, e não com o restante da turma em si. A gente tem alguns objetivos, claro, serem traçados, mas eu costumo observar como a criança chegou na turma? Como ela está saindo? Durante esse tempo, como foi a frequência dela nas aulas, como ela realizou as tarefas, se engajou ou não se engajou, se não realizou as tarefas por qual motivo foi, alguma questão social, alguma dificuldade com a família ali, que a gente procura tentar entender. Para saber o porquê que não foi, alcançou ou foi determinado objetivo. [...]

A maneira como os alunos se comportam e se expressam durante as atividades reflete, significativamente, o contexto e a realidade em que vivem no momento. Ao adotar essa abordagem de avaliação, os alunos se sentem mais acolhidos e desenvolvem um vínculo emocional com os professores. Em contraste, a ausência desse sentimento resulta na "consequência de uma falta de laços de confiança entre os membros, o que gera problemas de ordem" (Lenharo; Cristóvão, 2018, p. 374).

Os questionamentos ressaltam a relevância do Manual do Voluntário (2023) como o guia central tanto para orientar o projeto social de forma geral quanto para o planejamento e a execução das práticas avaliativas. As respostas analisadas estão consistentemente alinhadas com os princípios delineados nesse documento. Especificamente em relação às práticas avaliativas, os participantes podem ser descritos

como compassivos e didáticos, uma vez que os métodos de avaliação utilizados consideram vários eixos pedagógicos, levando em conta o contexto em que estão inseridos e os interesses dos alunos.

Todavia, o caminho para que os professores alcancem sucesso no trabalho de ensino e aprendizagem é repleto de desafios. Isso se torna ainda mais complexo quando se trata da construção de práticas avaliativas que favoreçam a inclusão social dos estudantes, um tópico que será abordado no próximo item.

### **PRINCIPAIS DESAFIOS ENFRENTADOS NO EXERCÍCIO DE PRÁTICAS AVALIATIVAS FAVORECEDORAS DA INCLUSÃO SOCIAL DOS ESTUDANTES**

A avaliação, quando empregada de maneira eficaz, pode servir como um processo poderoso para promover a inclusão social dos estudantes. Ela oferece aos educadores a oportunidade de ajustar não apenas os métodos de avaliação empregados, mas também futuras avaliações, a fim de realmente mensurar a qualidade do ensino oferecido. Dessa forma, os professores podem reavaliar suas práticas, buscando alcançar os resultados desejados ao final do curso.

Em vista disso, perguntou-se aos professores participantes o seguinte: *quais são os principais desafios que você encontra ao tentar organizar práticas avaliativas que promovam a inclusão social dos estudantes? Fale mais sobre eles.* Ao comparar as respostas dos docentes, a análise revela que a elaboração de atividades avaliativas adequadas ao contexto de vulnerabilidade representa um desafio significativo. Isso ocorre porque a principal preocupação em relação a elas é assegurar que sejam justas e acessíveis a todos os estudantes, assim como os trechos abaixo revelam.

**Professora 1:** É justamente diversificar essa avaliação para cada um, porque cada criança vai desenvolver de alguma forma e aí como a gente tem uma turma grande querendo ou não. A gente em algum momento vai precisar de uma avaliação um pouco mais padrão, mas tentar diversificar para saber como aquele estudante está aprendendo ou não.

**Professor 2:** Bom, eu acho que o maior desafio é conseguir desenvolver essas próprias atividades, né? Porque muitas das vezes a gente fica preso àquela visão tradicional de trabalhar só os conteúdos, né? E esquece o social. Então, um desafio é reconhecer que tem que ter essas práticas e encontrar a forma de incluir, porque todos nós somos iguais perante a lei, mas nos outros aspectos somos diferentes. Então, é um desafio conseguir fazer atividades, promover situações que todos possam participar de maneira mais ou menos justa, né?

As respostas dos professores convergem em vários aspectos, uma vez que ambos afirmam ser crucial a utilização de diversas formas de avaliação para que todos os estudantes possam se desenvolver e, conseqüentemente, sejam incluídos socialmente. Assim, o ato avaliativo pode desmistificar a ideia de ser uma prática opressora, passando a ser reconhecido como um meio capaz de promover a equidade no ensino. Como diz Luckesi (2002, p. 43), a avaliação “para não ser autoritária e conservadora, a avaliação terá de ser diagnóstica, ou seja, deverá ser instrumento dialético do avanço, terá de ser o instrumento da identificação de novos rumos”.

A avaliação, quando realizada de maneira apropriada, pode promover a inclusão social dos alunos menos favorecidos. No entanto, para implementá-la efetivamente, é necessário mesclar o ensino tradicional, ao qual estão acostumados, com adaptações de uma nova abordagem. Dessa forma, gradualmente, é possível cultivar uma nova perspectiva nos estudantes sobre sua educação e seu protagonismo.

A esse respeito, o Coordenador Pedagógico respondeu que:

O costume que a gente tem é com as práticas mais tradicionais mesmo, é a forma como a gente é um pouco preso/apegado aos métodos de avaliação com que a gente conviveu a vida inteira né, [...] por isso que é uma busca meio falha, porque a gente sempre fica num caminho meio incerto assim tateando, tentando descobrir, e a gente não sabe [...] exatamente qual é o melhor caminho a seguir, é isso estamos sempre nessa busca, mas é um tipo de desafio.

Neste contexto, a demanda por uma alteração nas atividades avaliativas também apresenta um desafio para a coordenação do projeto. O coordenador explicou que há uma tentativa, ainda que por vezes falha, de implementar essa mudança por meio da experimentação de diversas abordagens, aproveitando o conhecimento de todos os professores envolvidos na sala. Mudar a prática avaliativa na escola significa alterar também, em certa medida, a estrutura política e social, uma vez que a avaliação, muitas vezes concebida para perpetuar as desigualdades de classes, é considerada não apenas como um ato pedagógico, mas também como um ato político (Ribeiro; Santos, 2016). Nesse sentido, o ensino de inglês por meio do projeto social consegue impactar positivamente a vida desses estudantes, rompendo com a reprodução dessas desigualdades e promovendo a disseminação de informação e conhecimento em seu contexto de vulnerabilidade social.

Além disso, o coordenador pontuou que as barreiras enfrentadas envolvem esforços por parte dele para tornar as atividades mais atrativas para os estudantes. Outros dois aspectos são: as distâncias entre as idades, os contextos sociais e as experiências de vida entre a coordenação, os professores e os discentes, que podem dificultar a implementação de práticas acessíveis e interessantes para todos; e o desinteresse dos alunos, que pode ser influenciado por alguns fatores, dentre eles: aula aos sábados de manhã, a carga horária e autoestima baixa. Essa multiplicidade de questões, segundo ele, pode contribuir para o cansaço e desmotivação que muitos estudantes sentem ao tentar aprender inglês.

Assim sendo, juntar os interesses dos discentes com o planejamento e execução das aulas é de suma importância para o processo de ensino e aprendizagem. Assim como reforçam Abramovay *et al.* (2002, p. 14-15), “a valorização das formas de expressão tipicamente juvenis [...] colabora para que tanto os próprios jovens quanto o resto da sociedade reconheçam esses atores como capazes de contribuir e construir soluções pacíficas para os conflitos sociais”. Isso quer dizer que a integração dos interesses dos estudantes nas aulas não apenas promove um ambiente mais engajador e motivador, mas também desempenha um papel fundamental na formação cidadã e na construção de habilidades sociais. Ao reconhecer e valorizar as formas de expressão próprias da juventude, os professores podem criar pontes significativas entre o conteúdo curricular e a realidade vivida pelos alunos.

Dessa forma, eles podem não apenas identificar soluções práticas, mas também encontrar inspiração para construir novos conhecimentos. Nesse contexto, é crucial abraçar a perspectiva de Calejon (2011), que destaca que a experiência escolar vai além da assimilação de conteúdos disciplinares. Na escola, os estudantes não apenas absorvem informações acadêmicas, mas também desenvolvem habilidades cruciais para a vivência nas relações sociais, contribuindo assim para a construção e fortalecimento de seus valores pessoais.

Em seguida, perguntamos ao Coordenador Pedagógico: *o que é feito para superar esses desafios, de forma que práticas avaliativas mais inclusivas sejam favorecidas no contexto do projeto social*. Como resposta, ele disse:

Primeiro, treinamento dos professores, né, que a gente tenta fazer pelo

menos uma vez por semestre no mínimo; combinar professor com menos experiências com professores mais experientes; o trabalho em grupo faz com que a gente tenha contato com novas visões e, às vezes, alguém que tem mais facilidade e criatividade, porque sempre tem alguém que tem mais criatividade e facilidade, né, que pensa mais fora da caixinha. Acho que também o trabalho da coordenação pedagógica, que não só eu né, mas o trabalho deles de deixar esse método mais alternativo de avaliação. mais claro e delimitado possível, sem tirar a liberdade dos professores. mas tentando deixar claro para o professor que não quer ser criativo, não quer criar nada, que os métodos de avaliação sejam bem delimitadinhos.

A resposta acima conversa com a ideia de Canan e Paiva (2016, p. 35), mostrando que “a atitude de nos atermos a reproduções de modelos avaliativos antigos pode justificar a pouca evolução das maneiras de se avaliar na escola e nos faz buscar o diferente no ato avaliativo”. Como consequência dessa busca por inovação, vem a transformação do ensino e da aprendizagem desses alunos que se encontram em contexto de vulnerabilidade social, e essa mudança atinge diretamente a vida pessoal desses jovens quando mostra novas possibilidades de ser e existir no mundo.

Além disso, segundo a pesquisa de Martins e Calderón (2020), em relação aos fatores de eficácia escolar estudados em um contexto de alta vulnerabilidade social, a prática pedagógica que tem como característica estratégias didáticas altamente diversificadas foi considerada o maior fator do sucesso escolar a partir de entrevistas com pais, alunos, funcionários, diretor e professor.

Considerando as informações anteriores, o projeto social analisado demonstra, cotidianamente, a presença de estratégias não apenas por meio de suas variadas práticas pedagógicas, mas também pela colaboração entre professores em uma sala de aula compartilhada. Esse enfoque proporciona aos alunos, em uma única aula, abordagens distintas e/ou complementares sobre um mesmo tema, que enriquecem o aprendizado dos alunos e podem promover um ambiente inclusivo, onde diferentes estilos de aprendizado são reconhecidos e valorizados. A colaboração entre professores em uma sala de aula compartilhada incentiva a troca de experiências e a criação de estratégias inovadoras para alcançar os objetivos educacionais.

## POSSIBILIDADES DE REALIZAÇÃO DE PRÁTICAS DE AVALIAÇÃO TRANSFORMADORAS NO ENSINO E APRENDIZAGEM DE INGLÊS

Ao serem questionados sobre *que estratégias você utiliza para garantir que o processo avaliativo seja justo e equitativo para todos os estudantes, independentemente de suas origens ou circunstâncias?*, todos os participantes consideraram essenciais a avaliação feita dos estudantes com base na participação em sala de aula e na interação com colegas e professores. Além disso, destacaram a importância de os docentes possuírem uma visão atenta dos discentes, uma vez que cada um tem um ritmo e contexto diferentes. Entende-se que essa percepção é fundamental em um movimento voltado para assegurar a qualidade do processo de ensino e aprendizagem em um contexto de vulnerabilidade social.

Nesse cenário, em específico, a existência de sentimentos negativos pode tomar conta dos estudantes e prejudicar sobremaneira o desenvolvimento do seu aprendizado, o que reforça ainda mais a importância de abordagens pedagógicas acolhedoras e experiências educativas profícuas por meio do estabelecimento de interações positivas e construtivas, conforme Sacristán e Gómez (2000) e Quevedo-Camargo e Silva (2017). É fundamental que os educadores estejam atentos às necessidades emocionais dos alunos, oferecendo suporte e encorajamento para que possam enfrentar as dificuldades que se apresenta de forma saudável, garantindo o acesso ao aprendizado de forma equitativa por meio do envolvimento ativo de todos os estudantes (Tavares; Gomes; Ferreira, 2019). Além disso, promover um ambiente inclusivo e empático contribui significativamente para o bem-estar geral da comunidade escolar, promovendo um aprendizado mais significativo e duradouro.

A Professora 1, por exemplo, apontou a flexibilidade como uma estratégia crucial ao lidar com os estudantes, ressaltando a importância de considerar o contexto individual deles. Ela reconheceu que eventuais ausências podem impactar o alcance de objetivos e propôs uma abordagem adaptativa, com atividades avaliativas ao longo do processo de aprendizado, sem focalizar apenas no resultado final. O Professor 2, por sua vez, expressou a opinião de que atingir 100% de equidade em sala de aula pode ser desafiador, mas defendeu a importância de buscar o máximo possível desse objetivo. Ele destacou a

necessidade de proporcionar oportunidades para a participação de todos os alunos, reconhecendo que algumas abordagens tradicionais podem intimidar ou limitar a interação.

Em sua resposta, o Coordenador Pedagógico pontuou a importância de reconhecer a diversidade entre os alunos, incluindo suas diferentes formas de aprendizado, habilidades, situações sociais e de vida. Enfatizou a necessidade de uma avaliação contínua ao longo do semestre, permitindo que os alunos explorassem áreas de maior interesse. Ele ainda ressaltou a necessidade de professores atentos e generosos, capazes de superar as limitações do sistema educacional ao considerar as dificuldades individuais dos alunos. Por fim, valorizou um olhar compreensivo para os diversos ritmos e formas de aprendizado, destacando a importância de reconhecer como os alunos se expressam.

Na próxima pergunta, questionou-se o seguinte: *você poderia compartilhar um exemplo de uma prática avaliativa transformadora que tenha sido bem-sucedida no projeto social e que tenha contribuído significativamente para o desenvolvimento dos estudantes?* Como respostas, identificaram-se algumas práticas avaliativas principais adotadas pelos professores: 1-) a autoavaliação por parte dos estudantes, que os leva a refletir sobre o próprio progresso e a considerar áreas que precisam ser aprimoradas para o desenvolvimento contínuo do aprendizado e, indiretamente, aprimoramento do projeto social; 2-) o *project*, que é um projeto desenvolvido com cada turma conforme um tema de interesse dentre os estabelecidos no currículo e alinhado ao nível de inglês, gerando engajamento significativo dos estudantes ; 3-) o *pen pal*, ou amigo por correspondência, que é uma das possibilidades dentro do *project* e consiste na prática de escrever mensagens para uma pessoa de outro país; e 4-) observação contínua, que visa contribuir para o desenvolvimento dos estudantes de maneira humanizada, permitindo uma compreensão mais abrangente do progresso e das necessidades individuais dos alunos, visando um crescimento mais significativo e ajustado às características de cada um.

A combinação de tais práticas avaliativas adotadas pelos participantes pode funcionar como mecanismos de transformação social ao levar os estudantes a vivenciar abordagens mais compreensivas, justas e equitativas com a avaliação. Por exemplo, a autoavaliação pode empoderar os discentes, incentivando a autorreflexão e o desenvolvimento pessoal, além de promover a formação da consciência individual e coletiva. Em relação ao *pen pal*, pode-se haver a formação de uma perspectiva mais

inclusiva no aprendizado de línguas em um mundo globalizado, permitindo a interação entre participantes de diferentes contextos culturais e sociais. Além disso, tal prática facilita a compreensão intercultural e promove a diversidade. Através do intercâmbio de experiências, pode-se, então, contribuir para a quebra de estereótipos e preconceitos, promovendo a transformação social.

Ao considerar o *project*, previsto no Manual do Voluntário (2023), é possível identificar que essa prática tem condições oferecer oportunidades iguais para os estudantes demonstrarem suas habilidades e conhecimentos. Esses projetos incentivam a participação ativa dos discentes e contribuem para a conscientização e a promoção de mudanças sociais. Por fim, mas não menos importante, a observação contínua permite uma avaliação mais abrangente ao longo do tempo, reduzindo a probabilidade de práticas avaliativas baseadas em momentos específicos. Ao focalizar na evolução contínua, essa observação consegue promover a adaptação e o crescimento dos estudantes frente às dificuldades que emergem, incentivando-os a explorar novas perspectivas e ações com vistas à melhoria, o que pode reverberar, positivamente, em futuras práticas transformadoras dentro do contexto em que estão inseridos.

Em vista dessas problematizações e pensando no fortalecimento de práticas de avaliação transformadoras no ensino e na aprendizagem de inglês em contexto de vulnerabilidade, a próxima pergunta investiga: *quais são as principais oportunidades que você identifica para aprimorar as práticas de avaliação no âmbito do processo de ensino e aprendizagem dentro do projeto social?* A esse respeito, os docentes responderam:

**Professora 1:** Formações com os voluntários, né, mais oportunidades de ouvir pessoas mais experientes pra fazer essa prática. No último semestre, nós tivemos umas na formação sobre estratégias de ensino aprendizagem, e acredito que fazer isso mais vezes contribuiria muito mais [...] porque os voluntários embora saibam inglês não são necessariamente pessoas formadas na área da educação.

**Professor 2:** Tem o *feedback* dos alunos, dos voluntários. Então, a gente diz: "ah, eu gostei disso, não gostei daquilo, acho que isso funcionou." E o projeto é bem flexível, né? Progressista, humanista. Então, tem espaço para mudanças.

A observação das respostas dos professores destaca a relevância da troca de informações e interações no ambiente educacional. Evidencia-se também a importância dessas interações entre voluntários e estudantes como elementos cruciais para promover

um desenvolvimento contínuo da aprendizagem e do ensino. O objetivo central é impulsionar práticas pedagógicas favoráveis, que vão além da simples construção de conhecimento, incorporando uma abordagem mais dinâmica e participativa e formando um ambiente de aprendizado mais enriquecedor e coletivo

A resposta do coordenador em relação à mesma pergunta retorna uma prática já evidenciada pela Professora 1, o uso da autoavaliação. Segundo ele, essa prática concede voz e protagonismo aos estudantes, incentivando-os a considerar o verdadeiro valor do processo de aprendizado. Algumas respostas, por exemplo, ao seu ver, expressam autopercepções negativas, rotulando-se como "burros" ou incapazes. Essas afirmações são pontos de partida para discussões construtivas, buscando compreender sua origem e desmistificar a crença de que sua inteligência está em jogo ou de que não são capazes de aprender. A frequência com que a expressão "eu sou burra" é ouvida, conforme o coordenador, destaca a importância de abordar questões de autoestima e valorização pessoal no contexto educacional e de vulnerabilidade social, transformando a autoavaliação em uma jornada reflexiva mais profunda.

O Coordenador Pedagógico traz reflexões valiosas sobre como o contexto desses alunos e a maneira como estão habituados a serem tratados impactam no processo de ensino e aprendizagem e sua relação com as atividades avaliativas. Conforme Lenharo e Cristóvão (2018, p. 375), "os alunos da escola pública sob a condição social vulnerável adotam com frequência um discurso de descaso e desinteresse em relação à escola e especificamente à [língua inglesa]." Portanto, a eficaz incorporação do mecanismo de autoavaliação pode promover uma análise crítica da aprendizagem e do ensino. Isso possibilita aos estudantes identificar suas forças, áreas de melhoria e estratégias de aprendizagem mais eficientes. Além disso, os professores também se beneficiam desse processo ao utilizarem as informações fornecidas pelos estudantes para refletirem sobre suas práticas pedagógicas.

Em um contexto de vulnerabilidade social, a incorporação da autoavaliação no processo de ensino e aprendizagem de inglês ganha relevância como uma ferramenta potencial para promover a transformação social. Ao permitir que os indivíduos inseridos nesse contexto avaliem seu próprio progresso educacional, essa prática não apenas impulsiona a evolução do aprendizado, mas também desempenha um papel crucial no desenvolvimento de competências socioemocionais essenciais para superar desafios

enfrentados em ambientes desfavorecidos. A autoconfiança e a autodisciplina cultivadas por meio da autoavaliação têm o potencial de fortalecer a resiliência e capacidade de enfrentamento, contribuindo, assim, para a construção de uma base mais sólida para a transformação social em comunidades vulneráveis.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento desta pesquisa permitiu identificar, analisar e compreender a implementação de práticas avaliativas que pudessem favorecer, de alguma forma, a transformação e emancipação dos sujeitos educativos envolvidos no projeto social, destacando-se como possibilidades a Avaliação 360, a autoavaliação, o *project*, o *pen pal* e o estímulo à observação contínua ao longo do processo de ensino e aprendizagem. Tratam-se de estratégias que permitem o uso de *feedback*, incorporam a reflexão individual, estimulam o engajamento coletivo e intercâmbio cultural e se preocupam com uma análise constante durante o processo de ensino e aprendizagem de língua inglesa.

Entretanto, o projeto também enfrenta desafios significativos, derivados da complexidade em desenvolver atividades verdadeiramente inclusivas para todos os participantes, considerando suas particularidades, além de certa resistência que existe com o rompimento com abordagens tradicionais, afastando-se da visão de avaliação puramente voltada para a obtenção de notas. Outra dificuldade enfrentada diz respeito a tornar o inglês atrativo e relevante no contexto do projeto em questão. Isso implica não apenas ensinar o idioma, mas também estabelecer conexões significativas entre o conteúdo e a realidade dos participantes. A superação desse desafio requer abordagens pedagógicas inovadoras, incorporando elementos culturais e situacionais que despertem o interesse e a aplicabilidade do inglês na vida cotidiana das comunidades em situação de vulnerabilidade social.

Nesse sentido, destaca-se a importância de práticas avaliativas justas e equitativas, que levem em consideração as diferentes realidades, necessidades e trajetórias de aprendizado dos participantes. A avaliação deve ser um reflexo autêntico das habilidades adquiridas, proporcionando oportunidades igualitárias para demonstrar o domínio do inglês, independentemente das circunstâncias socioeconômicas. Ao adotar

métodos de avaliação sensíveis ao contexto, o projeto buscou tanto estimular o progresso dos estudantes quanto promover a igualdade de acesso e oportunidades no aprendizado da língua, contribuindo, assim, para a inclusão educacional em um contexto de vulnerabilidade social.

Em última análise, esta pesquisa sublinha a necessidade premente de adotar abordagens avaliativas que transcendam as convenções tradicionais, destacando a importância vital de práticas avaliativas mais emancipatórias e transformadoras. Ao desafiar paradigmas estabelecidos, abre-se espaço para uma reflexão mais profunda sobre o papel da avaliação no desenvolvimento de indivíduos em comunidades mais vulneráveis, promovendo uma busca contínua por processos que, verdadeiramente, inspirem e catalisem mudanças significativas. Dessa forma, pode-se resgatar o sentimento de que a educação é um poderoso instrumento de transformação social, capaz de romper barreiras e construir um futuro mais inclusivo e equitativo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary; PINHEIRO, Leonardo; LIMA, Fabiano; MARTINELLI, Cláudia. **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas**. Brasília: UNESCO, BID, 2002.

BRASIL. **Lei nº 9394**, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: MEC, 1996.

BRITISH COUNCIL. **O ensino de inglês na educação pública brasileira: elaborado com exclusividade para o British Council pelo Instituto de Pesquisas Plano CDE**. British Council Brasil. São Paulo, SP, 2015. Disponível em: [https://www.britishcouncil.org.br/sites/default/files/estudo\\_oensinodoinglesnaeducacao\\_publicabrasileira.pdf](https://www.britishcouncil.org.br/sites/default/files/estudo_oensinodoinglesnaeducacao_publicabrasileira.pdf). Acesso em 23 abr. 2023.

BROWN, Douglas. **Language assessment: principles and classroom practices**. New Jersey: San Francisco State University, 2004.

CALEJON, Laura Marisa Carnielo. Desempenho escolar e contexto de vulnerabilidade social. **Revista Exitus**, São Paulo, v. 01, n. 01, p. 149-164, jul/dez. 2011.

CANAN, Ana Graça; PAIVA, Vitória Silva. **Avaliação de língua inglesa na sala de aula: uma construção coletiva**. Natal: EDUFRN, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/21451/1/Avaliação%20de%20Língua%20Inglês%20na%20sala%20de%20aula%20%28livro%20digital%29.pdf>. Acesso em

23 abr. 2023.

CHUEIRI, Mary Stela. Concepções sobre a avaliação escolar. **Estudos em avaliação educacional**, v. 19, n. 39. Minas Gerais: jan./abr. 2008. Disponível em: <http://www.fecra.edu.br/admin/arquivos/AVALIACAO.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2023

EARL, Lorna. **Assessment as Learning: Using Classroom Assessment to Maximise Student Learning**. Thousand Oaks, CA: Corwin Press. 2003.

FERNANDES, Domingos. Para uma teoria da avaliação formativa. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 19, n. 2, p. 21-50, 2006.

FLICK, Uwe. Pesquisa qualitativa e quantitativa. In: FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. cap. 3. p. 39-49.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HOFFMANN, J. **O jogo do contrário em avaliação**. Porto Alegre: Mediação, 2005.

MARTINS; Edivaldo César Camarotti; CALDERÓN, Adolfo-Ignácio. Avaliação educacional: fatores contextuais de eficácia escolar em cenários de vulnerabilidade social. *Revista Pesquisa e Debate em Educação, Juiz de Fora, MG*, v.10, n.1, p.1138 - 1159, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/RPDE/article/view/32025/21232>. Acesso em 25 de out. 2023.

SACRISTÁN, José Gimeno; GÓMEZ, Ángel. **Comprender e transformar o ensino**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

TAVARES, Cíntia Baião Barros; GOMES, Cristina da Silva; FERREIRA, Heloísa da Silva. Desempenho escolar: o processo de avaliação da aprendizagem de crianças em contexto de vulnerabilidade social. In: VI ENCONTRO INTERNACIONAL DE JOVENS INVESTIGADORES. 2019, Campina Grande. **Anais...** Campina Grande: Realize Editora, 2019. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/57577>. Acesso em:

LENHARO, Rayane; CRISTÓVÃO, Vera Lúcia. Multiletramentos no ensino de língua inglesa em um contexto de vulnerabilidade social. **Revista Linguagem & Estilo**, v. 21, n. 1, p. 367-402. Apucarana: 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.15210/rle.v21i1.15151>.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar. Metodologia do Trabalho Científico: **Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2. ed. Novo

Hamburgo: Feevale, 2013.

INGLÊS DA ESTRUTURAL. **Manual do voluntário**: Inglês na Estrutural. 2º semestre de 2023. Brasília, DF, 2023.

QUEVEDO-CAMARGO, Gladys; SILVA, Gutemberg. O inglês na educação básica brasileira: sabemos sobre ontem e quanto ao amanhã? **Ensino e Tecnologia em Revista**, Londrina, v. 1, n. 2, p. 258-271, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/etr/article/view/7500>. Acesso em 23 abr. 2023.

RIBEIRO, Luciane; SANTOS, Josiane. A avaliação e suas implicações na formação social do sujeito: um debate necessário. **FAE - Memorial TCC Caderno da Graduação**, p. 335-348, 2016. Disponível em: <https://cadernotcc.fae.emnuvens.com.br/cadernotcc/article/download/152/53>. Acesso em 26 nov. 2023

SAUL, Ana Maria. Referenciais Freireanos para a prática da avaliação. **Revista de Educação**. n. 25, p. 17-24, 2008.

SAUL, Alexandre; VOLTAS, Fernanda Quatorze. Avaliação Emancipatória. In: GONTIJO, Simone Braz Ferreira; NOGUEIRA, Vânia Leila de Castro Nogueira Linhares (Orgs.). **Dicionário de avaliação educacional**. Brasília: Editora IFB, 2023.

SILVA, Bianca Nicole Fernandes da; FEDERISSIS, Inaiê da Silva; APOLINÁRIO, Ricardo Naoki Nakada; LINHARES, Sarah Ellen Nardino. Língua Inglesa e a sociabilização juvenil: uma interlocução entre UNESPAR e EDHUCCA - Escola de Desenvolvimento Humano “Casa do Caminho.” In: 37º Seminário de Extensão Universitária da Região Sul, 2019, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2019, n.p. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/199404>. Acesso em 27 jul. 2023.

STAKE, Robert. **The Art of Case Study Research**. Thousand Oaks, CA: Sage, 1995.

Recebido em: Fev. 2024.

Aceito em: Abr. 2024.